

ÉTICA DA FELICIDADE EM ARISTÓTELES

ETHICS OF HAPPINES IN ARISTÓTELES

Wellington Lima Amorim¹
 Everaldo da Silva²
 Matêus Ramos Cardoso³

RESUMO: Este artigo tem como objetivo analisar o conceito de Felicidade em Aristóteles. Em primeiro momento Aristóteles discute sobre os bens, que podem até ser prejudiciais para muitas pessoas. Fala de um bem supremo que é a Felicidade. Para ele o bem agir e o bem viver equivale a ser feliz. A Felicidade é uma atividade da alma conforme a virtude. E esta virtude ele divide em modalidades: intelectuais que se dá pela geração e crescimento realizado pelo ensino e as morais que se adquire pelo hábito e costume. Aristóteles diz que o governo e as leis devem promover a Felicidade para as pessoas, mas não os privando da Felicidade particular. De fato se observa que a Felicidade pode ser um ideal a ser conquistado através da virtude e da prática de atos justos.

Palavras-chave: Felicidade. Bem. Prazer. Honra

ABSTRAC: This article aims to analyze the concept of Happiness in Aristoteles. First time Aristotle discusses the assets, which may even be harmful to many people. It speaks of a supreme good which is Happiness. For him to act well and living well means being happy. Happiness is an activity of soul in accordance with virtue. And he shares this virtue in sports: intellectuals who gives the generation and growth achieved by education and morals that is acquired by habit and custom. Aristoteles says that the government and laws should promote happiness to people, but not depriving then of Happiness particular. In fact it is observed that happiness can be an ideal to be achieved through the practice of virtue and righteous deeds.

Key-words: Happiness. Well. Pleasure. Honour.

INTRODUÇÃO

A Felicidade é a busca de todo ser humano, de fato, tudo o que fazemos tem um fim, sendo a felicidade o seu fim último. Muitos pensadores trataram do tema da ética e da felicidade desde os gregos até os dias atuais. Para tanto, analisaremos este tema sob a ótica aristotélica. Muito antes de ter sido reduzida em nossos tempos a uma mercadoria publicitária, a busca da Felicidade era um ideal ético. A desvalorização da Felicidade no contexto capitalista se relaciona

¹Dr. em Ciências Humanas – Universidade Federal de Santa Catarina – E-mail: wellington.amorim@gmail.com

²Dr. em Sociologia Política – Centro Universitário de Brusque – E-mail: evesociologia@gmail.com.

³Especialista em Ética e Ciências da Religião, Universidade Cândido Mendes-RJ. E-mail: teus33@yahoo.com.br

ao mundo do espetáculo, à banalização do desejo e também do sentido dos afetos em nossas vidas. Antes de qualquer análise, temos de nos perguntar se ainda podemos falar de Felicidade em nossos dias e de qual modalidade estamos vivenciando. Primeiramente vamos analisar o conceito de felicidade em Aristóteles. Mas, para isso serão necessários descobrir conceitos que apoiam tal discussão.

Percebe-se que algumas pessoas têm uma visão aristotélica da felicidade, mesmo sem saber, pois, para Aristóteles toda ação visa um bem, tudo que é feito por alguém, é feito em vista de algo de bom para si. Aristóteles considera que para alcançar a Felicidade toda ação visa um bem qualquer, um fim. Segundo Aristóteles, esse fim deve ser o sumo bem, e esse, em suma, é a felicidade. Para se chegar ao conceito de Felicidade, é necessário trilhar um caminho muito vasto de conceitos e definições, que será tratado no desenvolver desta pesquisa. Alguns conceitos precisam serem esclarecidos: o sumo bem, o prazer, a honra e a virtude. Aristóteles afirma que o governo é quem deve promover a Felicidade para todos. Assim, daremos os passos para entender como é possível chegar à felicidade em Aristóteles.

1. A FELICIDADE SEGUNDO ARISTÓTELES

Aristóteles trata da Felicidade em seu livro *Ética a Nicômaco*. Para entender a felicidade Aristóteles discorre sobre o sentido dos bens para o homem, quais são esses bens e que vantagens eles trazem para a vida do humana. Para se conseguir determinar o que é Felicidade é preciso determinar qual é o fim da natureza humana e esta é uma angústia que vem sendo despertada no ser humano desde o princípio do seu pensar, afinal, para poder resolver essa angústia, faz-se necessário descobrir e definir esse “bem, para o qual, antes de tudo, é feito o homem, o bem pelo qual em ente racional se realiza e que lhe é propriamente conveniente”. (MARITAIN, 1973. p. 52). Segundo Jacques Maritain, Aristóteles procura determinar em que consiste a felicidade. Esta felicidade é um dado da natureza que existe no homem. Desta forma analisaremos a definição dos termos, o bem; o prazer; a honra; a virtude e a Felicidade. Isto ocorre, pelo fato de que o bem não pode ser algo único e universal presente em todos os casos. Precisa-se fazer referência a uma única ideia do que realmente vem a ser o bem. Para isto Aristóteles propõe separar as coisas boas em si mesmas das coisas úteis. Os termos são muito distintos, por isso Aristóteles indaga sobre empregar o bem atingível e realizável como um padrão, mas, é preciso “conhecermos melhor os

bens que verdadeiramente são bons para nós, e desse modo, poderemos atingi-los”. (ARISTÓTELES, 2003. p. 24.)

Para todas as coisas há um fim, segundo Aristóteles, e esse fim deve ser o Sumo Bem: “Se existe, então, para as coisas que fazemos algum fim que desejamos por si mesmo e tudo o mais é desejado por causa dele; (...) evidentemente tal fim deve ser o bem, ou melhor, o sumo bem”. (ARISTÓTELES, 2003. p. 17.) E este merece ser buscado por si mesmo e por ser mais absoluto do que aquilo que merece ser buscado por causa de outra coisa. Então, esse bem é absoluto, e Aristóteles chama de absoluto e incondicional aquilo que é sempre desejável em si mesmo e nunca no interesse de outra coisa. Considera ele que esse bem prevalece sobre todas as coisas. É preciso que esse bem seja atingível e realizável pela pessoa. Aristóteles também discorre sobre os bens que podem ser até prejudiciais para muitas pessoas, pelo fato de que alguns chegam até a perecer por causa de suas riquezas, e alguns perecem pelo fato de se confiarem demais em sua coragem, “em relação aos bens, existe uma flutuação semelhante, em razão de poderem ser, para muitas pessoas, até prejudiciais”. (ARISTÓTELES, 2003. p. 18). É necessário buscar com precisão, conforme permite a natureza do assunto, pois cada ser humano julga bem as coisas que ele conhece. O modo de viver de cada um não deve ser a busca dos objetivos ao sabor das paixões, o fim a que se deve visar é o conhecimento e não a ação.

Esse bem se encontra nas mais diversas ações e artes, pelo fato de que é por sua causa (bem) que os humanos realizam todas as coisas, como por exemplo: na medicina o bem é a saúde, na arquitetura é uma casa. Considerando isso, então, há um fim em vista do que é realizado, e esta é o bem atingível pela ação. Em se havendo mais de uma ação estas serão, segundo Aristóteles, os bens atingidos por meio dela: “tal finalidade será o bem atingível pela ação, e se há mais de uma, serão os bens atingíveis por meio dela”. (ARISTÓTELES, 2003. p. 25.). É preciso discorrer sobre o que é peculiar ao homem, excluindo as atividades de nutrição e crescimento, excluindo também a atividade de percepção, pois, os animais (boi, cavalo) também as possuem. Ficando para verificação a atividade de percepção do elemento racional, Aristóteles refere-se à acepção de exercício ativo desse elemento. Pelo fato da função do individuo ser uma atividade da alma que implica em princípio racional, “o bem do homem vem a ser a atividade da alma em consonância com a virtude”. (ARISTÓTELES, 2003. p. 27). Aristóteles divide os bens em:

exteriores, relativos à alma ou ao corpo. Os que são relacionados à alma classificam-se em ações e atividades psíquicas; os bens que são relativos ao corpo são considerados como a boa ação do homem; e os considerados exteriores são aqueles relacionados às posses do homem, como as riquezas, por exemplo. (ARISTÓTELES, 2003. p. 28-29)

O Sumo Bem não pode ser concebido como posse ou exercício, nem como estado de ânimo ou de atividade, pois a atividade virtuosa, deve agir bem:

Mas há uma diferença – e não pequena – em concebermos o sumo bem como posse ou exercício, ou, de outro lado, como estado de ânimo ou atividade, pois pode existir o estado de ânimo sem produzir qualquer bom resultado, como o caso de um homem que dorme ou que permanece inativo por algum motivo; mas não pode acontecer assim com a atividade virtuosa; essa deve ser necessariamente agir e agir bem. (ARISTÓTELES, 2003. p. 29.)

O agir e viver bem segundo Aristóteles equivale a ser feliz. Convém neste momento analisar o que vem a ser o prazer para Aristóteles em sua construção da felicidade. A definição de prazer para Aristóteles é questionada a partir do que os homens entendem por prazer. Para ele os homens vulgares identificam o bem ou a felicidade com o prazer e por isso amam a vida agradável. Para cada um é agradável àquilo que ama. Os prazeres segundo Aristóteles estão sempre em conflito uns com os outros porque não dão prazer por natureza, pois, as coisas que os homens amam não trazem prazer, em si mesma, essas coisas são como que uma espécie de encanto acessório, algo que delicia as atividades do homem sem acrescentar e sem fazer parte do prazer em si. O prazer que ocorre depois de cada ato do homem deve ser tomado como sinal indicativo de suas disposições morais, “o prazer ou a dor que sobrevêm aos atos devem ser tomados como sinais indicativos de nossas disposições morais”, (ARISTÓTELES, 2003. p. 46.), e por disposições Aristóteles quer significar que são “as coisas em razão das quais nossa posição em relação às paixões é boa ou má”. (ARISTÓTELES, 2003. p. 46).

O prazer não pode ser considerado como um movimento, porque todo movimento visa a um fim, e só se torna completo depois de realizar o fim desejado. Segundo Aristóteles “movimento e geração não podem ser atribuídos a todas as coisas, e sim apenas às que são divisíveis e não constituem um todo”. (ARISTÓTELES, 2003. p. 222.) Por isso Aristóteles considera a forma do prazer como completa em todo e qualquer movimento, e ainda, o prazer é uma coisa inteira, sendo assim podemos sentir prazer, pois cada momento de prazer é um todo

completo. Em nossos sentidos temos prazer, e não menos em relação ao pensamento e à contemplação segundo Aristóteles, e quanto mais perfeita for à atividade ela é mais agradável e completa. Sendo assim o prazer acompanha qualquer sentido:

... o prazer é experimentado, sobretudo quando o sentido se encontra nas melhores condições e em atividade com relação a um objeto apropriado; quando o sentido que o percebe e o objeto são os melhores possíveis, há sempre prazer, já que estão presentes o agente e o paciente requerido. (ARISTÓTELES, 2003. p. 223.).

Com isso o prazer, segundo Aristóteles, completa a atividade como um fim. E o prazer acompanha a atividade que é realizada. Enquanto realizada, algo encanta e delicia o homem, enquanto é novidade para ele, e em determinado tempo ela já se torna parte da sua vida e já não é mais novidade, e essa coisa já não traz tanto ou quase nenhum prazer ao indivíduo. Aristóteles explica esse fenômeno: “a princípio o espírito é estimulado e desenvolve intensa atividade em relação a tais coisas, como no caso do sentido da visão quando olhamos alguma coisa com atenção, mas depois nossa atividade se torna menos intensa, e por isso o prazer também diminui”. (ARISTÓTELES, 2003. p. 223). Quando o homem realiza alguma atividade e esta lhe é agradável, ela se intensifica pelo prazer que lhe proporciona e é feita com mais precisão do que outras atividades. Para Aristóteles os prazeres sempre acompanham as atividades do homem, e cada atividade é reforçada pelo prazer que lhe é próprio, que é o caso quando algo é bem realizado, esse algo se torna mais prazeroso, e com isso o prazer irá intensificar a atividade,

uma vez que cada classe de coisas é mais bem julgada e feita com maior precisão por aqueles que se dedicam com prazer à correspondente atividade; por exemplo, são as pessoas que se comprazem no raciocínio geométrico que se tornam geômetras e compreendem os vários teoremas da geometria, do mesmo modo, os que gostam de música, de arquitetura, e assim por diante, fazem progresso nas respectivas áreas porque sentem prazer nelas. (ARISTÓTELES, 2003. p. 224.)

Os prazeres do homem são aqueles que ele constitui como prazer, mas só pode constituir prazer, um homem que é bom, “a virtude e o homem bom enquanto tais são a medida de todas as coisas, e, portanto as coisas que ao homem bom constituir prazer serão prazer e as coisas em que ele se deleitar serão agradáveis”. (ARISTÓTELES, 2003. p. 226.). No entanto, “se as coisas que ele acha desagradáveis parecerem agradáveis a outras pessoas, nada há de

surpreendente nisso, pois os homens podem perverter-se e corromper-se de muitos modos”. (ARISTÓTELES, 2003. p. 226.). Neste momento convém definir o que é honra. Afinal, para muitos a felicidade é a honra. Mas, esta é muito superficial para definir a felicidade, pois, a honra pertence a alguém, “visto que a honra depende mais de quem a concede que de quem a recebe”. (ARISTÓTELES, 2003. p. 221.). Logo, parece que a maioria dos homens que buscam a honra, a buscam visando ao reconhecimento de seu valor: “Ademais, os homens parecem buscar a honra visando ao reconhecimento de seu valor”. (ARISTÓTELES, 2003. p. 221). Para Aristóteles a virtude em relação à honra é a magnanimidade, que é a grandeza de coração, que é julgar-se digno de grandes coisas, é de fato sê-lo. O excesso desta virtude é a ambição ou pretensão, também tida como vaidade, que é ter os olhos ou discurso maior que a alma, acreditando ou pretendendo ser capaz de algo que na realidade não é capaz de realizar; e a sua falta é a pequenez do ânimo ou humildade inadequada, que é julgar-se incapaz de uma grande ação e, por isso mesmo ser incapaz de tal ato. (ARISTÓTELES, 2003. p. 51.). A honra é o reconhecimento da comunidade pelo bem feito à comunidade, “pois a honra é o prêmio da virtude e da benevolência (...), pois o que pertence à comunidade é dado a quem a beneficia, e as honras pertencem à comunidade”. (ARISTÓTELES, 2003. p. 194.).

2. DEFINIÇÃO DE VIRTUDE

Para compreender a felicidade, Aristóteles argumenta que esta é uma atividade da alma conforme a virtude “ao falar do caráter de um homem não dizemos que ele é sábio ou que ele possui discernimento, mas, que é calmo, amável ou temperante; porém, louvamos um homem sábio referindo-nos à sua disposição de espírito, e às disposições de espírito louváveis chamamos virtudes”. (ARISTÓTELES, 2003. p. 39.). Para definir virtude se seguirá a divisão que o autor faz dela, dividindo-a em duas espécies, a virtude intelectual e a virtude moral.

Há duas espécies de virtude, a intelectual e a moral. A primeira deve, em grande parte, sua geração e crescimento ao ensino, e por isso requer experiência e tempo; ao passo que a virtude moral é adquirida em resultado do hábito (...). É evidente, pois, que nenhuma das virtudes morais surge em nós por natureza, visto que nada que existe por natureza pode ser alterado pelo hábito. (ARISTÓTELES, 2003. p. 40.).

Adquirimos as virtudes intelectuais a partir da natureza que nos dará a devida capacidade de recebê-las, e essa capacidade, segundo Aristóteles, aperfeiçoa-se com o hábito. O que vem pela natureza nos vem primeiro como potência e depois como atividade exterior. Aqui ele cita como exemplo a audição e a visão, que não foi por usá-las várias vezes que são adquiridas pelo homem, mas já “tínhamos antes de começar a usá-las, e não foi por usá-las que passamos a tê-las”. (ARISTÓTELES, 2003. p. 40.). Já com as virtudes as adquirimos pela experiência, exercitando-a, assim como acontece com as artes. O caráter (ou disposições morais) de uma pessoa, segundo Aristóteles, nasce das atividades semelhantes a ele (caráter) “nossas disposições morais nascem de atividades semelhantes a elas. É por esta razão que devemos atentar para a qualidade dos atos que praticamos, pois nossas disposições morais correspondem às diferenças entre nossas atividades” (ARISTÓTELES, 2003. p. 42.), e precisamos definir como se devem praticar estes atos, pois eles determinam a natureza das disposições morais, e é preciso considerar “que está na natureza das virtudes o serem destruídas pela deficiência e pelo excesso” (ARISTÓTELES, 2003. p. 42.), é o caso dos exercícios, que segundo Aristóteles, a prática excessiva de exercício ou sua falta prejudicam o vigor da pessoa, assim acontece também com os alimentos, com a coragem e com o prazer, todos são destruídos pelo excesso e pela deficiência (falta) e são preservados pela mediania (mediania aqui quer se referir ao meio termo, que será tratado mais à frente).

As virtudes para Aristóteles estão relacionadas com as ações e as paixões, e cada uma delas é acompanhada por prazer ou sofrimento e é por isso que muitos se tornam maus, uns buscando estes prazeres e outros se desvencilhando deles. As virtudes e os vícios do homem se relacionam com as mesmas coisas, o nobre e vil, o vantajoso e o prejudicial, o agradável e o doloroso, e cada homem mede suas “ações (...) pelo critério do prazer e do sofrimento”. (ARISTÓTELES, 2003. p. 44.). O caminho para conseguir a felicidade é a virtude, e virtude para este pensador, significa ter o hábito de escolher o justo meio. Para tornar mais clara a natureza da virtude, analisaremos o que vem a ser o meio-termo. Meio-termo vem a ser aquilo que está entre o excesso e a falta. Aristóteles define por meio termo aquilo que está distante entre os extremos (falta e excesso), algo que é único para todos os homens, o que não é demais nem muito pouco. Esse meio-termo é em relação à pessoa e não ao objeto: “Por ‘meio termo no objeto’ quero significar aquilo que é equidistante em relação aos extremos, e que é o único e o mesmo para todos os homens; e por ‘meio termo em relação a nós’ quero dizer aquilo que não é nem

demasiado nem muito pouco, e isto não é o único e o mesmo para todos”. (ARISTÓTELES, 2003. p. 47).

A virtude deve ser qualitativa no tocante de visar o meio termo, aqui no sentido da virtude moral, pois esta se relaciona com as paixões e ações e em cada uma existe o excesso, a carência e um meio-termo: “a virtude deve ter a qualidade de visar ao meio-termo. Falo da virtude moral, pois é ela que se relaciona com as paixões e ações, e nestas existe excesso, carência e meio-termo”. (ARISTÓTELES, 2003. p. 48). Com o meio-termo Aristóteles define a virtude como “uma disposição de caráter relacionada com a escolha de ações e paixões, e consiste numa mediania, isto é, a mediania relativa a nós, que é determinada por um princípio racional próprio do homem dotado de sabedoria prática.” (ARISTÓTELES, 2003. p. 49). Em algumas paixões ou ações não há meio-termo, pois, a maldade está implícita em si mesmas, ou seja, nos seus próprios nomes já está contido a maldade, como o desejo, o despudor, o adultério, o roubo e o assassinato.

Para atingir o meio termo é necessário não dar ouvidos ao prazer somente, se o homem é impulsionado a fazer o mal ou o que é errado, precisa-se ir à direção do extremo contrário, assim conseguirá atingir o estado intermediário, conseguindo afastar-se o mais possível do erro: “devemos nos forçar a ir na direção do extremo contrário, pois chegaremos ao estado intermediário afastando-nos o mais possível do erro, tal qual se faz para endireitar madeira empenada.” (ARISTÓTELES, 2003. p. 55). A virtude para Aristóteles também consiste na justiça que é praticada em relação ao próximo, “justiça é aquela disposição de caráter que torna as pessoas propensas a fazer o que é justo, que as faz agir justamente e a desejar o que é justo” (ARISTÓTELES, 2003. p. 103), pois justiça é o exercício da virtude completa, e é completa pelo fato de a pessoa não usa-lá só para si, mas em função do outro, “Com efeito, a justiça é a virtude completa no mais próprio e pleno sentido do termo, porque é o exercício atual da virtude completa”. (ARISTÓTELES, 2003. p. 105).

A virtude é algo que pode ser realizada pelo homem bom, o homem bom é aquele que pratica a justiça, e todos os atos que são praticados dentro da lei são justos. Para uma compreensão melhor é preciso também dar uma breve definição do que vem a ser estes atos justos, para Aristóteles. Ato justo é aquela ação que está em conformidade com as leis prescritas, “evidentemente todos os atos conforme à lei são atos justos em certo sentido, pois os atos prescritos pela arte do legislador são conforme à lei, e dizemos que cada um deles é justo.” (ARISTÓTELES, 2003. p. 104). E por atos justos Aristóteles define que são aqueles que são

praticados em função de “produzir e a preservar a Felicidade e os elementos que a compõem para a sociedade política”. (ARISTÓTELES, 2003. p. 105).

Segundo Valls, em Aristóteles se conquista a felicidade pelas virtudes, e esta deve ser adquirida pelo homem: “A Felicidade verdadeira é conquistada pela virtude (...) O ser do homem é uma substância composta: corpo material e alma espiritual. Como o corpo é sujeito às paixões, a alma deve desenvolver hábitos bons, uma vez que a virtude é sempre uma força adquirida, um hábito, que não brota espontaneamente da natureza”. (VALLS, 1994. p. 32-33). Por fim, é preciso definir agora o sentido de homem bom “o homem bom jamais cometerá más ações voluntariamente.” (ARISTÓTELES, 2003. p. 102), com isso se verifica que o homem bom, evidentemente é aquele que pratica boas ações e nunca más ações, pois, “uma pessoa boa (...) visto que vive com o pensamento fixo no que é nobre, submete-se à argumentação”. (ARISTÓTELES, 2003. p. 235). Sendo assim, o pensamento do homem bom está sempre voltado para tudo que é nobre.

3. A DEFINIÇÃO DE FELICIDADE

Muitos pensam que a felicidade é algo simples e óbvio, como o prazer. O Sumo bem, é aquele que é buscado por si mesmo e a felicidade é buscada acima de qualquer outra coisa, por si mesma e não em vista de outra coisa, ao passo que “a honra, o prazer, a razão e as demais virtudes, ainda que escolhamos por si mesmas, fazemos isso no interesse da Felicidade (...) mas a Felicidade ninguém a escolhe tendo em vista alguma outra virtude, nem, de uma forma geral, qualquer coisa além dela própria”. (ARISTÓTELES, 2003. p. 26). Aristóteles entende a Felicidade como algo autossuficiente e absoluto, algo que não possui carência, além disso, ela é a mais desejável de todas as coisas dentre os bens. Também a considera como a finalidade da ação. Para entender melhor o que é a felicidade é preciso identificar qual é a função do homem, pois é na função que está o bem e a perfeição da atividade do homem e das coisas que são próprias do homem e de nenhum dos demais animais ou plantas, é somente “a atividade do elemento racional”. (ARISTÓTELES, 2003. p. 27), que constitui a excelência humana.

A função que o homem exerce deve ser boa com relação aos outros. Sendo assim “o bem do homem vem a ser a atividade da alma em consonância com a virtude, e se há mais de uma virtude, em consonância com a melhor e mais completa entre elas.” (ARISTÓTELES, 2003. p.

27). É preciso dizer também que somente os que agem retamente é que podem conquistar as coisas nobres e boas da vida. Se o que é bom na vida de um homem é a sua virtude, este deverá buscar sempre agir conforme a virtude para ser bom, e a bondade pertencerá ao homem que é feliz, pois estará sempre buscando através de suas ações ou na contemplação do que está em conformidade com a virtude. “O atributo com apreço, portanto, pertencerá ao homem feliz, que o será por toda a vida, pois estará sempre, ou quase sempre, empenhado na ação ou na contemplação do que é conforma a virtude”. (ARISTÓTELES, 2003. p. 33). Aquele que consegue suportar todas as eventualidades da sua vida com certa dignidade é considerado por Aristóteles um homem ‘verdadeiramente bom e sábio’, ele precisa tirar o máximo proveito das atividades realizadas. Esta autossuficiência da felicidade, deve ter uma relação com a atividade contemplativa.

Sendo assim essa atividade citada é apreciada por si mesma, pois a única coisa que se origina dela mesma é a contemplação, já no caso das demais atividades práticas, segundo o autor, o homem alcança vantagens além da própria ação. Muitos pensam que a felicidade depende do lazer, “pensa-se que a Felicidade depende do lazer, pois trabalhamos para poder ter momentos de ócio” (ARISTÓTELES, 2003. p. 27). Mas, muitas atividades das virtudes em si visam uma finalidade, e não são buscadas por si mesmas. Ao passo que a atividade racional é superior e tem maior validade pelo fato de ela ser contemplativa não visando nenhum outro fim além dela mesma, e por ser buscada por si mesma, ela traz em si o seu prazer próprio.

Por isso Aristóteles considera o filósofo como o detentor da felicidade plena pelo fato de ele ser essa pessoa que busca a contemplação da verdade em sua vida. E segundo Aristóteles só onde há contemplação é que chega a felicidade, e os únicos que podem exercer a atividade contemplativa com maior capacidade é que desfrutam da felicidade, “nesse sentido o filósofo é o mais feliz dos homens”. (ARISTÓTELES, 2003. p. 234). Mas é claro que o amante da contemplação, este homem que é feliz ou possui a felicidade, precisa também de outros bens, os bens exteriores, pois “a Felicidade necessita igualmente dos bens exteriores, pois é impossível, ou pelo menos não é fácil, praticar ações nobres sem os devidos meios” (ARISTÓTELES, 2003. p. 30), e assim, deve buscar sempre as necessidade básicas da sua vida, “o que possui qualquer outra virtude, necessite das coisas básicas da vida”. (ARISTÓTELES, 2003. p. 229). Seu corpo precisa ser saudável, ter boa alimentação e os cuidados devidos para manter-se longe de doenças. Não precisando de muitas coisas, não é necessário ser ‘dono do mundo’ para praticar ações boas

e nobres, atingindo assim a Felicidade, “de fato, a autossuficiência e a ação não implicam excesso, e podemos praticar ações nobres sem para isso necessitarmos ser donos da terra e do mar”. (ARISTÓTELES, 2003. p. 233

A virtude, que já foi definida pela sua prática, não consiste na mesma coisa que possuir a felicidade, porque para Aristóteles “a arte de viver bem não é a arte de ser feliz por meio da virtude ou de realizar a adequação virtude-felicidade”, (MARITAIN, 1973, p. 54), mas, sim de manter uma ordem na vida, que pelo seu feitio possa atingir o fim supremo, que é a felicidade. A felicidade é formada por três coisas essenciais que são a sabedoria, a virtude e o prazer. E a sabedoria possui maior importância ou está acima das outras, pois ela é adquirida pelo espírito e contemplação: “a sabedoria é essencialmente contemplativa. É uma atividade imanente, uma atividade de repouso e de fruição” (MARITAIN, 1973, p. 55), e é por isso que ela é considerada mais importante que a própria ação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, procurou-se demonstrar em linhas gerais a ética aristotélica que tem por finalidade a busca da felicidade pela virtude. A felicidade é considerada por ele o maior de todos os bens, sendo que a ação de cada pessoa é realizada em vista desse supremo bem. Percebeu-se ao longo desse artigo, que Aristóteles em seu livro *Ética a Nicômaco*, procura conceituar a felicidade como o soberano bem. Define bem como aquilo que deve ser buscado por si, sem o desejo de algo mais, além do próprio bem. E a felicidade é esse bem que é buscado por si mesmo não em vista de uma outra coisa. Dado o exposto no texto, compreende-se que a virtude é uma disposição de caráter relacionado com as escolhas que a pessoa faz de suas ações e paixões, e a justiça que é praticada em relação ao outro. Fica claro que felicidade para Aristóteles é algo absoluto, autossuficiente e possui em si todos os bens desejados; e que só pode viver a felicidade aquele que tem a capacidade de contemplação, e a única pessoa que tem essa capacidade é o filósofo. Então, somente o filósofo pode ser feliz.

O que se pode também observar é a importância do governo na elaboração de uma boa legislação que possa promover ou proporcionar a felicidade dos indivíduos em particular e na defesa da felicidade coletiva, quando essa é ameaçada, por um determinado indivíduo. Com o término desta discussão, convém citar a expressão latina: “*Omnis agens agit propter finem*” –

“todo agente age por uma finalidade/alvo”, ou seja, toda pessoa que está agindo está agindo por um fim. Se a finalidade da pessoa é a busca da felicidade, toda a sua ação será realizada nesse intuito. Tudo o que pode proporcionar a felicidade, ela o fará, pois, o fim de determinada ação lhe trará a Felicidade almejada. Em Aristóteles a diferença entre outras éticas reside no fato de ele ser finalista, ou seja, a sua ética parte para os fins que precisam ser alcançados pelo homem. Então, para alcançar, conquistar e viver a felicidade, é preciso ser uma pessoa virtuosa, que pratica atos justos e bons e que saiba viver a vida com prazer. De fato, é algo autossuficiente e absoluto, algo que não possui carência e é a mais desejada de todas as coisas. É também a finalidade da ação, pois é na ação que está o bem e a perfeição da atividade do homem. Logo, esta é função que o homem exerce e que deve ser boa com relação aos outros, pois, os que agem retamente é que podem conquistar as coisas nobres e boas da vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Martin Claret. São Paulo, 2003.

ARISTÓTELES. **Política**. Nova Cultural. São Paulo, 1999.

RUSS, J. **Pensamento ético contemporâneo**. São Paulo: Paulus, 1999.

MARITAIN, J. **A Filosofia Moral**. 2. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1973.

MORA, J. F. **Dicionário de Filosofia – Tomo II**. Loyola. São Paulo, 2001.

SPAEMANN, R. **Felicidade e Benevolência – ensaio sobre ética**. São Paulo: Loyola, 1996.

SILVA, M. B. **Sentido Ético de Práxis Comunitária – o valor da consciência**. São Paulo: Paulus, 1994.

RUSS, J. **Pensamento ético contemporâneo**. Paulus. São Paulo, 1999. p.66.

PEGORARO, O. A. **Ética é Justiça**. 3. ed. Petrópolis – RJ: Vozes, 1995.

VALLS, A. L. M. **O que é Ética**. 9. ed. Brasiliense. São Paulo, 1994. p. 29.